



DISCURSO DE ÓDIO E *FAKE NEWS* NAS REDES SOCIAIS: SUTURAS E SILENCIAMENTOS ÀS CAMPANHAS DE VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19¹

HATE SPEECH AND *FAKE NEWS* ON SOCIAL MEDIA: SUTURES AND SILENCES TO VACCINATION CAMPAIGNS AGAINST COVID-19

DISCURSO DE ODIO Y *FAKE NEWS* EN LAS REDES SOCIALES: SUTURAS Y SILENCIO A LAS CAMPAÑAS DE VACUNACIÓN CONTRA EL COVID-19

Francisco Renato Lima²

RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar uma reflexão focada em aspectos didático-pedagógicos que orientem o fazer docente no contexto da Educação Básica, por isso, assume um tom conversacional, direcionado a professores do 9º ano do Ensino Fundamental e da 1ª série do Ensino Médio. Sua organização gira em torno da proposta de organização de uma oficina de letramento digital, explorando gêneros discursivos digitais como ferramentas de combate ao discurso de ódio e *fake news* nas redes sociais. A discussão é explorada por meio de uma Sequência Didática (SD), organizada em seis (06) aulas, nas quais segue-se dois percursos: i) explicita-se a habilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que poderá ser desenvolvida/trabalhada na atividade; e ii) explicita-se o campo de atuação e os objetos de conhecimento, conforme o referido documento oficial. Assim, a base teórica subjacente busca abarcar as teorias sobre língua, linguagem e tecnologias digitais presentes na BNCC. Em face dessa opção, o estudo assume uma abordagem qualitativa, realizada por meio dos procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica e, quanto aos objetivos, constitui-se de uma pesquisa exploratória. Desse modo, a proposta constitui uma tentativa de contribuir para a reconstrução de uma cultura pedagógica em torno do uso das mídias digitais a serviço da aprendizagem nas escolas de Educação Básica, utilizando-se dos saberes sobre letramento digital em benefício da organização do trabalho escolar no combate a discursos sombrios e negacionistas que representam verdadeiras suturas e silenciamentos à questões humanitárias, a exemplo do que ocorreu com as campanhas de vacinação contra a Covid-19.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso de ódio. Fake news. Redes sociais. Campanhas de vacinação. Práticas Pedagógicas na Educação Básica.

Submetido em: 27/12/2023 – **Aceito em:** 12/03/2024 – **Publicado em:** 10/04/2024

¹Este texto, com alterações, alterações e aprofundamentos, é oriundo de uma atividade apresentada à disciplina: 'Hipertexto, gêneros digitais e ensino' (semestre 2022.1), ministrada pelo Prof. Dr. Júlio César de Araújo (Universidade Federal do Ceará (UFC)) no curso de Especialização em *Linguística Textual e Ensino*, oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), *campus* Currais Novos. Ao referido docente, dispense meus agradecimentos pelas leituras, comentários, críticas e sugestões bastante pertinentes e necessárias, na primeira versão deste texto. Sua colaboração/orientação foi fundamental para a qualificação do material. Ressalto, porém, que, nesta versão, ora publicada, assumo a total responsabilidade sobre as opiniões expressas e sobre os possíveis equívocos teórico-conceituais, metodológicos e analíticos remanescentes.

² Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Letras - Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atualmente é Professor Auxiliar, Nível – I (UFPI), lotado no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE). E-mail: fcorenatolima@hotmail.com

**ABSTRACT**

The objective of this text is to present a reflection focused on didactic-pedagogical aspects that guide teaching in the context of Basic Education, therefore, it takes on a conversational tone, aimed at teachers in the 9th year of Elementary School and the 1st year of High School. Its organization revolves around the proposal to organize a digital literacy workshop, exploring digital discursive genres as tools to combat hate speech and *fake news* on social networks. The discussion is explored through a Didactic Sequence (SD), organized into six (06) classes, in which two paths are followed: i) the skill of the National Common Curricular Base (BNCC) that can be developed/ worked on the activity; and ii) the field of activity and the objects of knowledge are explained, according to the aforementioned official document. Thus, the underlying theoretical basis seeks to encompass theories about language, language and digital technologies present at BNCC. Given this option, the study takes a qualitative approach, carried out through the technical procedures of bibliographical research and, in terms of objectives, it constitutes an exploratory research. In this way, the proposal constitutes an attempt to contribute to the reconstruction of a pedagogical culture around the use of digital media in the service of learning in Basic Education schools, using knowledge about digital literacy for the benefit of the organization of school work in the combat dark and denialist speeches that represent true sutures and silencing of humanitarian issues, as is the case with the vaccination campaigns against Covid-19.

KEYWORDS: Hate speech. Fake news. Social media. Vaccination campaigns. Pedagogical Practices in Basic Education.

RESUMEN

El objetivo de este texto es presentar una reflexión enfocada en aspectos didáctico-pedagógicos que orientan la enseñanza en el contexto de la Educación Básica, por lo que adquiere un tono conversacional, dirigido a docentes de 9º año de Educación Primaria y 1º año de Educación Secundaria. Su organización gira en torno a la propuesta de organizar un taller de alfabetización digital, explorando los géneros discursivos digitales como herramientas para combatir los discursos de odio y las *fake news* en las redes sociales. La discusión se explora a través de una Secuencia Didáctica (SD), organizada en seis (06) clases, en las que se siguen dos caminos: i) la competencia de la Base Curricular Común Nacional (BNCC) que se puede desarrollar/trabajar en la actividad; y ii) se explica el campo de actividad y los objetos de conocimiento, según el citado documento oficial. Así, la base teórica subyacente busca abarcar teorías sobre el lenguaje, el lenguaje y las tecnologías digitales presentes en el BNCC. Ante esta opción, el estudio adopta un enfoque cualitativo, se realiza a través de los procedimientos técnicos de la investigación bibliográfica y, en cuanto a objetivos, constituye una investigación exploratoria. De esta manera, la propuesta constituye un intento de contribuir a la reconstrucción de una cultura pedagógica en torno al uso de los medios digitales al servicio del aprendizaje en las escuelas de Educación Básica, utilizando los conocimientos sobre alfabetización digital en beneficio de la organización del trabajo escolar en las escuelas. combatir discursos oscuros y negacionistas que representan verdaderas suturas y silenciamientos de cuestiones humanitarias, como es el caso de las campañas de vacunación contra la Covid-19.

PALABRAS CLAVE: El discurso del odio. Noticias falsas. Redes sociales. Campañas de vacunación. Prácticas Pedagógicas en la Educación Básica.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: UMA CONVERSA COM E PARA PROFESSORES E PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

A proposta aqui apresentada se dirige especialmente a professores(as) da Educação Básica, sobretudo de escolas públicas, que, nas sendas e nas condições controversas a que fomos relegados, têm no diálogo com os pares da docência, o ponto precípuo para a resistência e a sobrevivência social em tempos de tantos obscurantismos e negacionismos que afetam o cenário educacional brasileiro.



Essa nossa conversa, então, ganha fôlego e coragem, a partir de alguns expressivos discursos (orais ou escritos) que retratam o flagelo atual de nossa educação. O primeiro, do professor Marcos Bagno (UnB), em 08 de maio de 2019, como parte de um ato político, em conferência de encerramento do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), em Maceió (AL). Segue então, um trecho:

É a asfixia da educação, é o bombardeio da ciência, é a rejeição pura e simples da civilização, nada menos do que isso. Eu não tenho notícia de ter existido jamais ao longo da história um governo que tenha feito da educação a sua inimiga primordial. Mesmo os governos que não se empenharam em favor da educação eram hipócritas e demagógicos e, pelo menos no discurso, faziam o louvor da educação. Mas o desgoverno atual é tão bisonho, tacanho, tosco e burro que não é capaz nem sequer de cinismo. É a brutalidade em seu estado mais insano.

O segundo, na voz dos pesquisadores Marlucy Paraíso (UFMG) e Thiago Ranniery (UFRJ) (2019, p. 1405), reforça a discussão, pontuando que esse é um:

Momento assustador para todos/as nós que acreditávamos que havíamos iniciado um percurso sem volta, na caminhada pela erradicação das injustiças sociais e educacionais ainda tão dramáticas no Brasil. Subitamente, damo-nos conta que muitas de nossas conquistas sociais, educacionais e curriculares das últimas décadas estão por um triz. Vemos todos os dias direitos sendo perdidos; conquistas sociais e culturais sendo atacadas; vidas sendo aniquiladas com o aprofundamento de moralismos, discriminações, pobreza e injustiças de todo o tipo.

O terceiro, vem dos renomados professores Antonio Chizzotti e Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida (2019, p. 1399), do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo, da PUC-SP, que também ponderam sobre a problemática:

O novo governo difundiu um discurso iracundo sobre a educação nacional, responsabilizada por um imaginário insucesso na formação da juventude e, por essa razão, merecedora de uma intervenção coercitiva em todos os domínios da educação, a fim de coibir fantasiosos riscos do sistema de ensino, tais como: ameaça de perversão ética da juventude, adoção de ideologias desviantes e conversão ao ideário político da esquerda. [...] Esse clima de hostilidade incomum, polarizado por um ambiente acusatório contra os docentes, conflagrou as discussões sobre a qualidade e os resultados do ensino, mas, em contrapartida, trouxe a questão do sistema de educação nacional para o debate político.

Bem ou mal sabiam eles – os pesquisadores citados –, que as coisas só piorariam a partir daí, pois, além da figura do presidente, que se tornou um ‘pandemônio’, fomos, desde março de 2020; e ainda estamos sendo, hoje, em meados de 2024, assolados pelas sequelas de uma pandemia sem precedentes na história contemporânea. Não dá para dizer que a pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-Cov-2), conhecido como Covid-19 é a primeira na história da humanidade, tão pouco, mensurar os estragos de destruição humana que ela tem feito, mas, certamente, o que dá para dizer, com relativa precisão, é que, mesmo com tantos avanços científicos e tecnológicos, nunca vivemos tempos de tanta apologia a imbecilidade e a ignorância. Contrassenso dos contrassensos, pois, se pusermos do outro lado da balança, o lastro histórico, que deveria ter nos ensinado tantas lições, no entanto, malgrado nós, os



‘militantes pela vida’, há um gigantesco número de pessoas encampando o discurso do ódio e de negacionismo, reproduzido em efeito massivo, por meio de *fake news* nas redes sociais, que podem se tornar um “ambiente para a expressão do ódio” (ANDRADE; PISCHETOLA, 2016, p. 1379) e a disseminação de visões radicais, etnocêntricas e extremistas.

Por discurso de ódio, entendemos, junto a Glucksmann (2007, p. 11) que sua proliferação acontece, pois “o ódio existe”, fruto de experiências concretas que “todos nós já nos deparamos com ele, tanto na escala microscópica dos indivíduos como no cerne de coletividades gigantescas”, legitimando-se como discurso. Daí, Glucksmann (2007, p. 12) destaca que o “discurso do ódio” pode ser emoldurado a partir da seguinte definição:

Com seus ornamentos tradicionais – raiva, cólera, bestialidade, ferocidade – dos quais ele exhibe um arsenal completo, o ódio acusa sem saber. O ódio julga sem ouvir. O ódio condena a seu bel-prazer. Nada respeita e acredita encontrar-se diante de algum complô universal. Esgotado, recoberto de ressentimento, dilacera tudo com seu golpe arbitrário e poderoso. Odeio, logo existo.

Perseguindo esse intuito de convocar os professores e as professoras da Educação Básica, para a gravidade da situação, recorremos a Lima (2020a, p. 389), quando define o negacionismo e aponta para os impactos de sua disseminação em rede:

O negacionismo tem como propósito não simplesmente revisar, passar a limpo algum evento histórico ou uma descoberta científica, mas, sobretudo, negá-los a partir de determinados valores e crenças pessoais. Há nele um desejo de fazer parecer que se trata de algo falso, mentiroso, a partir de uma aparência de racionalidade. São apresentados supostos fatos, versões de obras revisadas, gráficos, artigos, no intuito de criar um efeito de algo credível. Os efeitos de real visam garantir credibilidade ao discurso. Teses revisionistas sobre eventos históricos e descobertas científicas, ganham cada vez mais adeptos em todo o mundo, assim como os discursos negacionistas.

Especialmente nesse momento histórico, esses discursos de ódio e negacionistas voltam-se para as campanhas de vacinação contra a Covid-19. Um fato que também não é tão recente no Brasil. Em Lima (2019), fizemos um exaustivo apanhado do tema, com a preocupação central de discutir o problema da rejeição à vacina que vem acontecendo nos últimos anos no país, a partir da experiência com alunos e seus familiares. O estudo, anterior a pandemia, aponta alguns rastros históricos e contemporâneos que nos fazem entender (ou não!) o que estamos vivenciando agora. Ou seja, de meados de 2021 até aqui, quando a vacina foi tardiamente, aos poucos, chegando ao país, paralelamente, foi sofrendo retaliações e rejeições, de modo que já configura um fenômeno preocupante instaurado no cenário nacional. É, como se as lições da história recente, a exemplo da insurreição popular ocorrida no Rio de Janeiro no início do século XX, em 1904, a Revolta da Vacina³, não estivessem sido aprendidas (LIMA, 2019).

³ Segundo Lima (2019, p. 38), essa página recente da nossa história nacional pode ser definida como um “movimento popular de manifestação contrária à campanha da vacinação obrigatória, posta em prática pelo sanitarista Oswaldo Cruz. Esse movimento é análogo ao que ocorre hoje, século XXI, mais de 100 anos depois,



Mas, diferente do início do século passado, período em que podíamos atribuir essa rejeição a questão da ignorância gerada por uma possível ausência de escolarização, hoje, com o desenvolvimento tecnológico e maior ampliação do acesso e permanência na escola, o que cria a falsa ilusão de que ‘saímos da caverna’, em termos platônicos, e que, portanto, supõe que elevamos o nível de letramento, o que percebemos, no entanto, é que as pessoas mostram-se absolutamente enviesadas a uma conduta ética, cidadã e empática com o bem-estar social coletivo e cidadão. Conforme Medeiros (2019, p. 100):

Não obstante, a notória relevância na erradicação ou no controle de diversas doenças infectocontagiosas e o impacto na diminuição de novos casos e mortes pelas doenças, **as vacinas são frequentemente associadas a indagações e julgamentos** sobre efeitos adversos e os **movimentos anti-vacinação** são cada vez mais **frequentes e eloquentes**. Esses movimentos utilizam **estratégias como distorção e divulgação de informações falsas** que, alegando uma base científica, **questionam a eficácia e segurança de diversas vacinas**. Os riscos associados ao uso de vacinas disponíveis não justificam a interrupção de qualquer formulação disponível no mercado. (grifos meus)

Ou seja, mesmo tendo sido as vacinas às grandes responsáveis pela erradicação e controle de doenças virais no Brasil no último século, a exemplo da poliomielite, da caxumba, da rubéola, do sarampo, da varíola, da coqueluche, da febre amarela etc., como diz a autora: “as vacinas são frequentemente associadas a indagações e julgamentos” (MEDEIROS, 2019, p. 100), que potencializam o “movimento antivacinação” no mundo, o qual é:

[...] formado por pessoas que se dedicam a transmitir dados falsos sobre os imunizantes – entre elas até profissionais de saúde que se recusam a aceitar a ciência de qualidade – e que se negam a levar os filhos a serem protegidos. É um **fenômeno mundial** e que está por trás, inclusive, do crescimento do número de casos de sarampo observado **na Europa em 2017**. Segundo a Organização Mundial de Saúde, **o total de infectados no continente cresceu 300%, atingindo mais de 21 mil pessoas, com 35 mortes**. Em 2016, foram 5.273 casos. (PEREIRA, 2018, p. 46) (grifos meus)

E, para piorar ainda mais o atual cenário, existe o fenômeno das *fake news* que, metaforicamente, Lima (2019, p. 47) descreve o modo como elas se instalam em nosso meio:

Nesse cenário frutífero e escorregadio para a circulação de informações, torna-se fácil a proliferação das *fake news* que, como pragas ou vírus letais, têm o poder se multiplicar nas vias midiáticas e digitais, assemelhando-se a uma espécie de serpente venenosa e predadora na floresta, em busca de suas caças. A presa fácil dessa perseguição massiva são os internautas mais ‘desavisados’, [...].

Essa disseminação instaura-se sobretudo, nos espaços de interações virtuais e midiáticas, como páginas ou grupos de *Facebook*; perfis de *Instagram* e *Twitter*; ou grupos de *WhatsApp*. Todos esses suportes podem ser enquadrados no campo do conceito de rede social. Segundo Recuero, Bastos e Zago (2020, p. 25), “sites de rede social correspondem a um tipo específico voltado

quando as pessoas, influenciadas pela ‘onda’ de informações que circulam na mídia – *fake news* –, deixam de aderir à proposta governamental”.

para a criação e manutenção de redes sociais”, que agrupam milhares de adeptos (seguidores), para abordar (defender ou atacar) assuntos diversos. Desde o início de 2020, o assunto em maior evidência (e também sob forte ataque), de repercussão mundial e de efeitos expressivos no Brasil, foi a pandemia da Covid-19, sobre a qual foi construída uma tortuosa e perversa narrativa que foi desde: i) negar a pandemia; ii) rejeitar o uso de máscaras; iii) não respeitar o isolamento social, e, desembocou, por fim; iv) na rejeição às vacinas. Assim, podemos dizer que esses espaços se tornam caminhos potenciais para a disseminação de discursos negacionistas e de ódio, contrários, portanto, a ciência e a vida.

A velocidade e o poder de persuadir e convencer as pessoas são tamanhos que levaram, conforme inúmeros casos noticiados na mídia mundial, um número significativo de pessoas ‘bem instruídas’, do ponto de vista sociocultural (supostamente escolarizadas: **ênfatize-se bem o ‘supostamente’**), a rejeitar a vacina contra a Covid-19 e acabaram tendo um desfecho trágico (a morte). Vejamos, por exemplo, duas notícias que ilustram esse quadro social:

Comediante morre de Covid dias após se arrepender de não tomar vacina

Já internado, Christian Cabrera mandou uma mensagem ao irmão afirmando que estava arrependido de não receber o imunizante

Juliana Barbosa, Gabriel Lima
25/01/2022 13:22, atualizado em 25/01/2022 13:22

Reprodução/Instagram



O comediante americano Christian Cabrera morreu vítima da **Covid-19**, aos 40 anos, dias após expressar arrependimento por não ter recebido a vacina contra o coronavírus.

Imagem 1. Notícia 01
Fonte: Metrôpoles (2022)

O que morte de cantora que contraiu covid de propósito revela sobre pandemia e vacinas

Ben Tobías
BBC News

19 janeiro 2022
Atualizado 20 janeiro 2022



| Hana Horka fazia parte do grupo folclórico checo Asonance

Uma cantora da República Tcheca morreu após contrair deliberadamente covid-19, disse seu filho à BBC.

Hana Horka, de 57 anos, não havia sido vacinada e postou nas redes sociais que estava se recuperando após testar positivo, mas morreu dois dias depois da postagem.

Seu filho, Jan Rek, disse que ela foi infectada de propósito quando ele e seu pai tiveram o vírus, para que ela pudesse obter um passaporte de covid para acessar certos locais.

Imagem 2. Notícia 02

Fonte: BBC News Brasil (2022)

Por motivações pessoais e ideológicas diversas, esses exemplos mostram pessoas que se recusaram a tomar a vacina e acabaram falecendo. Desfecho que poderia ser outro, caso não tivesse prevalecido o negacionismo e, ao mesmo tempo, a reprodução do discurso de ódio, uma vez que ao optarem por não aderirem à campanha vacinal e publicizarem essa visão em seus espaços de interações sociais virtuais, acabam influenciando outras pessoas. Especialmente, por tratar-se de pessoas públicas, artistas famosos (cantora e comediante (Imagens 1 e 2)), com grande influência na formação de opinião pública e seguidores nas redes sociais, ou seja, pessoas públicas com forte capital social (BOURDIEU, 2007).



Seguindo essa visão bourdieusiana, Araújo (2016, p. 56) fala em ‘capital social cognitivo’ e corrobora à discussão, apontando que: “as ações dos indivíduos protagonizadas nas redes sociais são executadas a partir de uma imagem de si, construída por meio dos recursos e espaços disponibilizados por esses *sites*”, dentre os quais, destacamos o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter*, como vitrines para a exposição da própria imagem e de visões de mundo que, inevitavelmente, ajudam a construir essa imagem.

Um aspecto fundamental inerente a essa questão é que não podemos olhá-la com lentes ingênuas, despretensiosas e sem considerar o viés ideológico maléfico que ela possui, pois ela representa a “pulsão de morte”, a “perversidade sádica”, o “elogio da insanidade, do obscurantismo” e a “glorificação da ignorância” (BAGNO, 2019). Tudo isso, está presente nos discursos de ódio e de negacionismo veiculados por trás das *fake news*, as quais, enquanto fenômenos de linguagem, se analisadas com cuidado, constituem, na verdade, estratégias muito bem elaboradas do ponto de vista de alcance social.

Se, por um lado, o discurso de ódio assume um caráter irracional, pois não tem fundamentação em princípios éticos e científicos. Por outro lado, é racional, em virtude de os mecanismos utilizados em sua construção e disseminação serem frutos da construção de argumentos, que, embora facilmente desarticulados, têm um grande poder na destruição das relações sociais, na desestabilização das instituições e autoridades, na disseminação de preconceitos, na opressão e na intolerância a diferentes grupos historicamente à margem de nossa sociedade (ANDRADE; PISCHETOLA, 2016).

Nesse momento, assim como em outros (LIMA, 2020c, p. 58), um grito de alerta rasga meu peito, pois percebo que “esse discurso – reforçado pelo coro presidencial – alastra-se com tanta veemência, porque, claramente, em uma disputa política e, sobretudo, de poder partidário, seus líderes não aprenderam uma lição básica de respeito e tolerância”, tão sabiamente ensinada por nosso mestre Paulo Freire (2005, p. 24):

A tolerância genuína, por outro lado, não exige de mim que concorde com aquele ou aquela a quem tolero ou também não me pede que a estime ou o estime. O que a tolerância autêntica demanda de mim é que respeite o diferente, seus sonhos, suas ideias, suas opções, seus gostos, que não o negue só porque é diferente. O que a tolerância legítima termina por ensinar é que, na sua experiência, aprendo com o diferente.

De maneira análoga e intrínseca ao negacionismo e ao discurso de ódio (que são, por natureza, intolerantes), as *fake news* também possuem um caráter fortemente argumentativo e de verossimilhança, que servem como efeitos de persuasão extremamente bem elaborados, com a finalidade de alcançar determinados propósitos: deslegitimar a história, as evidências científicas, as instituições, os pesquisadores, os professores e todos aqueles que se propõem a trazer um pouco de luz e esperança para os dias de trevas que se instauraram nos tempos pós-



modernos, de “uma sociedade fragmentada”, marcada por “discursos móveis e cambaleantes” (LIMA, 2020b), que interferem significativamente nas práticas escolares.

Esses fatos noticiosos alcançam as massas, chegam às famílias, às ruas e a outros diversos setores da sociedade, principalmente, à escola, exigindo, portanto, uma reação, por parte da instituição e dos educadores, quanto ao enfrentamento do problema. Do ponto de vista de amparo teórico-oficial, temos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), documento homologado no final de 2018, que traz as competências e as habilidades necessárias de serem desenvolvidas na Educação Básica, contribuindo para a construção do currículo das escolas. Pela leitura do referido documento, o tema das *fake news* e do discurso de ódio aparece como sendo uma questão de linguagem, portanto, necessária de ser discutida especialmente no âmbito do ensino de Língua Portuguesa.

A BNCC (BRASIL, 2018) desponta no cenário nacional como um discurso oficial, que busca orientar o trabalho do professor em sala de aula, por meio de práticas pedagógicas que promovam o letramento digital crítico dos alunos. Ao tocar em assuntos tão atuais, polêmicos e controversos, ela estimula a reflexão crítica e transformadora. E, ao mesmo tempo convida a nós, professores e professoras da Educação Básica, a adentrarmos no universo dos letramentos digitais, midiáticos e tecnológicos e, manuseando de forma consciente a linguagem desse universo, de modo a propiciar o debate respeitoso e tolerante a diversidade, desenvolver a capacidade de reconhecer e, sobretudo, não reproduzir práticas preconceituosas, da cultura do ódio e da proliferação de notícias falsas.

No âmbito escolar, a BNCC então, acende uma esperança de que, por meio do poder transformador da educação e da escola, seja possível contribuir para a derrubada de muros que segregam e violentam a pluralidade de ideias. Em lugar disso, alude para a possibilidade de construção de pontes de diálogo e empatia, promovendo o desenvolvimento integral, a formação cidadã e a inclusão social, em respeito à dignidade e os direitos humanos, sobretudo, nas relações estabelecidas no contexto da cultura digital.

Diante de todo esse cenário apresentado – desde o ataque ostensivo à educação, o discurso de ódio, a proliferação de *fake news* até a orientação trazida pela BNCC, de 2018 –, você, professor e professora da escola de Educação Básica, como se vê diante desse desafio? Como lida com o fato de nossos alunos, muitas vezes, reproduzirem discursos dessa natureza? Como proceder na organização didático-pedagógica das aulas de Língua Portuguesa, a fim de combater o discurso de ódio e a disseminação de *fake news*? Que caminhos e possibilidades vislumbram, a fim de contribuir para a diminuição desse problema? A que ou a quem recorrem no ambiente escolar, para subsidiar na abordagem dessas questões? E, por fim, de que maneira, mesmo sofrendo tantos ataques, como, quando e onde, vocês, professores e professoras, encontram ânimo, força, coragem, resistência e determinação para continuar?



Respostas prontas e acabadas não temos, mas propostas conciliatórias e assertivas, baseadas no saber científico e pedagógico, construído no campo educacional nos dão um norte. Um deles é o desenvolvimento de oficinas, explorando o tema: *‘Fake news e campanhas de vacinação contra a Covid-19: o discurso de ódio e os lastros de suturas e silenciamentos’*, conforme propomos – apenas sugestivamente, sem visões definitivas – a seguir, numa tentativa de caracterizar o modo como precisamos, dentro de nossas escolas, desenvolver, entre outros, o letramento digital crítico, a fim de lidar com o texto em ambientes digitais.

OS LETRAMENTOS DIGITAIS CRÍTICOS E OS TEXTOS EM AMBIENTES MULTIMODAIS: UMA PROPOSTA DE OFICINA EM AMBIENTE ESCOLAR

Para o planejamento, organização e execução das atividades sugeridas, perseguimos o modelo/procedimento de construção de Sequências Didáticas (SD), instrumento que permite um trabalho sistemático dentro do espaço escolar. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), ressaltam que elas apresentam possibilidades de arquitetura das situações de aprendizagem, como um “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Dolz e Schneuwly (2004) asseveram que o trabalho com a SD é importante pela possibilidade de propor atividades com os gêneros textuais, possibilitando aos alunos diferentes aprendizagens para que alcancem o sucesso.

O desenho de uma SD, independente do objetivo da aula ou das capacidades de linguagem envolvidas (orais ou escritas), segue as seguintes etapas: i) a apresentação da situação, que descreve de maneira detalhada a tarefa a ser realizada pelos alunos; ii) a produção inicial, que permite ao professor avaliar as capacidades adquiridas e ajustar as atividades previstas na sequência; iii) os módulos, ilimitados e constituídos de atividades e exercícios que oferecem instrumentos necessários para esse domínio, já que os problemas colocados pelos gêneros (orais ou escritos) são trabalhados de modo sistemático e aprofundado; e, finalmente, iv) a produção final, quando o aluno põe em prática os conhecimentos adquiridos e analisa os progressos alcançados, junto ao professor (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004; DOLZ; SCHNEUWLY, 2004).

Desse modo, o objetivo geral da oficina a seguir, em formato de SD, distribuída em 06 aulas, é desenvolver o letramento digital crítico em torno de textos digitais, a partir de práticas discursivas oriundas de redes sociais, como: *Facebook, Instagram e Twitter*. As atividades sugeridas são possíveis de serem direcionadas tanto no 9º ano do Ensino Fundamental, quanto na 1ª série do Ensino Médio, conforme as habilidades previstas pela BNCC.

Vale ressaltar que, apesar de serem anos e séries diferentes, elas constituem as chamadas ‘séries de transição’, nas quais – pela vasta experiência de sala de aula em ambas –, podemos



considerar que a proposta aqui afiançada, é aplicável a esses dois contextos, considerando, é claro, as especificidades e a heterogeneidade constitutiva de cada sala de aula.

A oficina: situando o tema no campo da linguagem

Tema: *Fake news* e campanhas de vacinação contra a Covid-19: o discurso de ódio e os lastros de suturas e silenciamentos.

Série: 9º ano do Ensino Fundamental / 1ª série do Ensino Médio.

Quantidade de aulas: 6 aulas.

Tempo de duração de cada aula: 50 minutos.

Área do conhecimento: Linguagens (Língua Portuguesa).

Campo de atuação: Jornalístico/Midiático.

A oficina em sequência de aulas e sugestão de atividades

Neste ponto, apresentamos a oficina distribuída em seis aulas, ora individuais; ora agrupadas, conforme a dimensão dos objetivos pretendidos, conforme as orientações da BNCC e os procedimentos de organização do ensino por meio de SD.

Aula 01: Conceituação de temas e apresentação de possíveis estratégias de identificação de *fake news* que reproduzem o discurso de ódio contra as vacinas da Covid-19

Habilidades da BNCC: EF09LP01 / EM13LP39

Esta primeira aula corresponde à ‘apresentação da situação inicial de contato com práticas textuais-discursivas e produções orais ou escritas’, conforme o modelo da SD, tem por objetivo levar os alunos a reconhecerem a diferença entre fatos noticiosos verdadeiros e notícias falsas (*fake news*) relativas ao contexto das vacinas contra a Covid-19, identificando os traços textuais-discursivos que revelam índices de discursos de ódio nas redes sociais.

A proposta deve ser introduzida em sala de aula pelo professor, a partir de um apanhado histórico sobre o tema, apresentando os principais conceitos – *fake news*, discurso de ódio, negacionismo e vacinas contra a Covid-19 –, salientando que a propagação de discurso de ódio e de *fake news* é crime, bem como, o fato de que seus efeitos são nocivos à educação e à saúde das pessoas e, de maneira em geral, ainda mais, em se tratando da rejeição à vacina de combate a pandemia da Covid-19, que já vitimizou, até o início de 2024, um número alarmante de casos e óbitos confirmados⁴.

⁴ Em 14 de março de 2024, segundo dados do *Painel Coronavírus*, do Centro de Inteligência Estratégica para a Gestão Estadual do SUS (CIEGES), desenvolvido pelo Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (CONASS), a pandemia da Covid-19 já causou um total de 710.704 mortes no país, atingindo 38.646.183 pessoas com diagnóstico positivo para a doença (BRASIL, 2024). Graças ao processo de vacinação, esses números diminuíram significativamente, mas, ainda assim, há um aumento diário no número de casos.



Na explicação desses temas, uma questão que deve ficar muito clara, inclusive, a partir de recortes feitos com dados da área da História, da Biologia, da Geografia, da Sociologia, da Filosofia etc., é que liberdade de expressão, a qual todos nós temos direito, garantido constitucionalmente, não pode ser confundida com o discurso de ódio disseminado nas redes sociais. É fundamental que o professor faça esse esclarecimento, pois, um dos principais argumentos das pessoas que praticam essas ações violentas e abusivas é o de que estão exercendo sua liberdade de expressão, quando, na verdade, o que fazem é proliferar visões enganosas, incitar a discórdia, desrespeitar as minorias, camuflar a verdade, desviar o foco de uma informação, entre outras ações que caracterizam as atitudes criminosas nas redes sociais.

Do ponto de vista de utilização de recursos e de organização do espaço da sala de aula para a discussão, o professor deve levar gêneros textuais, como: notícias, reportagens, imagens, memes, charges etc., e expô-los, preferencialmente, através de recursos, como: computadores, *tablets*, datashow, cartazes etc. Os alunos devem ter ampla abertura para manifestar suas opiniões e participarem da aula. Nesse sentido, uma roda de conversa, um debate ou uma socialização realizada com a turma reunida em círculos são opções adequadas, pois permitem que os alunos interajam entre si ‘olho no olho’, deem suas opiniões, levantem questionamentos e tratem de temas polêmicos, sob a orientação do professor.

Os alunos devem ser questionados acerca do modo como utilizam as redes sociais, com qual frequência, com quais finalidades, se têm acompanhamento da família etc. Ainda cotejando o objetivo da aula, o professor deve abrir diferentes páginas de rede social e, junto aos alunos, fazer uma busca por notícias recentes relacionadas ao tema ‘vacinas contra a Covid-19’. Nessa busca, ele pode mostrar aos alunos, diferentes estratégias – de desenvolvimento do letramento digital crítico –, que ajudem a avaliar, a checar e a verificar a autenticidade e a autoria das fontes e das informações disponíveis na *web*.

Uma estratégia bastante produtiva é, durante a aula, abrir vários sites e páginas da internet, aplicativos em aparelhos móveis, entre outras plataformas especializadas que verifiquem a veracidade de informações e a autoria na URL. Para aprofundar a discussão e avaliar, de maneira qualitativa e contínua o alcance do objetivo da aula, o professor pode, como encaminhamento para a Aula 02, pedir aos alunos que naveguem por páginas de redes sociais e identifiquem notícias relacionadas às vacinas contra a Covid-19, percebendo se, possivelmente, tais notícias levantam suspeitas a respeito de sua veracidade (*fake news*) e se elas reproduzem o discurso de ódio e o negacionismo.

Aula 02: Checagem de informações em diferentes fontes e veículos de interação nas redes sociais

Habilidades da BNCC: EF09LP01 / EM13LP39



Esse é o momento da ‘produção inicial’, a partir dos conhecimentos prévios dos alunos e da apresentação dos conceitos-chave, ou seja, é hora de pôr a mão na massa. O objetivo é fazer um levantamento de notícias relacionadas ao tema, checando em diferentes fontes e veículos comunicativos, a veracidade dos fatos que circulam nas redes sociais.

Com esse intuito, devemos solicitar aos alunos que, em suas próprias redes sociais, como: páginas ou grupos de *Facebook*; perfis de *Instagram* e *Twitter*; ou grupos de *WhatsApp*; ou outras a que tenham acesso livremente, busquem publicações relativas à vacinação contra a Covid-19 e que, nesse percurso, assumam-se como curadores, no sentido de: i) verificar a fonte, o local e a data da publicação; ii) identificar se o veículo de onde a informação foi extraída é confiável, analisando, inclusive, avaliações que receberam de outras pessoas ou instituições; iii) analisar a credibilidade social e a visão partidária e ideológica do autor; iv) comparar a mesma informação em outros veículos, e sempre, a cada novo veículo comunicativo analisado, repetir o ritual descrito nos itens anteriores.

Feita toda essa trilhagem, também de forma colaborativa, o professor deve dividir os alunos em grupos, a fim de orientá-los a criarem mecanismos de categorização do que é fato ou *fake* (semelhantes a algumas estratégias televisivas em canais abertos), de maneira que, o desfecho do trabalho, seja a denúncia aos órgãos, setores ou pessoas físicas ou jurídicas responsáveis, por meio, por exemplo, da denúncia da própria postagem, da escrita de uma carta de reclamação ou denúncia, endereçada a determinada autoridade competente; um abaixo-assinado; um manifesto; entre outros gêneros textuais que permitam a manifestação e a denúncia de um problema coletivo.

Uma aprendizagem fundamental retirada dessa sequência de práticas investigativas no âmbito dos textos jornalísticos e midiáticos é a conscientização que os alunos poderão construir acerca de seus papéis com cidadãos responsáveis pelas próprias atitudes – seja de omissão e de tomada de partido –, afinal, nenhum ato, ainda mais nesse contexto, de consequências humanitárias tão graves, pode ser encarado de forma neutra. Todas as nossas ações são políticas e caudatárias de uma visão ideológica de mundo. A sociedade exige de nós, uma postura; e, em especial, da escola, o cumprimento de seu papel como agência privilegiada no processo de letramento digital crítico dos alunos.

A aula pode ser finalizada, solicitando aos alunos que apresentem uma listagem ou um levantamento da quantidade de notícias falsas publicadas em redes sociais, reproduzindo o discurso de ódio e de negacionismo a vacina contra a Covid-19. Os alunos deverão apresentar um quadro comparativo, comprovando o que é mentira e o que é verdade, a partir do trabalho de pesquisa e checagem que realizaram. O propósito não é apenas comparar, mas, em ambos os casos (se a notícia é verdadeira ou falsa), apresentar uma justificativa, do ponto de vista científico sobre aquela notícia, imprimindo assim, uma visão crítica sobre o texto digital.



Essa ação, além de avaliar os alunos e identificar o alcance do objetivo da aula; mobiliza a contribuição de conhecimentos interdisciplinares construídos na escola; incentiva os alunos, desde o 9º ano do Ensino Fundamental ou 1ª série do Ensino Médio, a assumirem uma postura investigativa sobre o processo de aprendizagem em que estão envolvidos; e, por fim, o mais importante, ajuda a disseminar a cultura do combate as *fake news*, que reproduzem o discurso de ódio e o negacionismo à eficácia das vacinas.

Aulas 03 e 04: As causas e as consequências da proliferação de notícias falsas (*fake news*) e a construção do discurso de ódio em torno das vacinas contra a Covid-19

Habilidades da BNCC: EF09LP01 / EM13LP39 / EM13LP40

Nesta terceira e quarta aula, que correspondem aos ‘Módulos I e II’, o objetivo é, diante de todo o contato que os alunos tiveram nas aulas 01 e 02, com a problemática tratada, analisar as causas e as consequências da proliferação de notícias falsas (*fake news*) e a construção do discurso de ódio contra as vacinas da Covid-19.

Do ponto de vista de organização de recursos e do formato da aula, o desejável é que sejam utilizados recursos, como: computadores, *tablets*, celulares, datashow, entre outros, explorando, ao máximo, recursos da cultura digital disponíveis na escola, a fim, inclusive, de contribuir para o objetivo principal: desenvolver o letramento digital crítico dos alunos, e, para tanto, nada mais importante, do que em todo o processo de exploração do tema, as faculdades de interação desses recursos serem postas a serviço da abordagem do tema.

A estratégia fundamental desta aula é trazer dados estatísticos, a partir de fontes credibilizadas e de maneira categorizada: números de mortos; número de contaminados; número de recuperados; números de vacinados; número de pessoas vacinadas, que contraíram a doença, mas que não tiveram consequências graves (como internações ou morte), sentiram apenas sintomas leves; número de pessoas que se recusaram a tomar a vacina e tiveram consequências graves (desde a intubação até a morte); entre tantas quantas outras questões forem possíveis de serem tratadas com alunos dos níveis de ensino aqui previstos, preocupando-se, sempre, com a abordagem das temáticas.

A amostragem desses dados deve ser feita de maneira correlata a outros fatores fundamentais que implicaram nas questões elencadas acima, como: a resistência e o negacionismo por parte do Governo Federal para a compra das vacinas, colocando o Brasil como um dos últimos países a aderir à proposta de vacinação; a leitura dos pontos anteriores sempre atrelada a um determinado período histórico recente, ou seja, momentos de maior ou menor índice de transmissibilidade do vírus, de maior número de internações; maiores índices de adesão, ou não,



às vacinas no território nacional e também, nas diferentes regiões e capitais do país; entre outros pontos indispensáveis para que se faça uma leitura crítica do contexto.

Vale ressaltar que, o professor ao trazer todas essas informações – sobre as quais as *fake news*, o discurso de ódio e o negacionismo – têm forte influência (e culpa!), deve estar sempre munido do discurso científico, o que será possível comprovar por meio de estratégias, como: i) o acesso a banco de dados estatísticos do Ministério da Saúde (embora em constante atraso e desatualizados – questão que merece uma crítica durante a aula); ii) dados noticiados pelo consórcio de imprensa aberta no Brasil (que diante das dificuldades de tratativas e clarezas nos fatos, por parte do governo, teve que aderir a essa estratégia de relativo acesso aos dados); iii) dados noticiados em sites e veículos comunicativos diversos, disponíveis na internet (desde que antes de levar para os alunos, façam o movimento apontado pelas competências EF09LP01; EM13LP39; EM13LP40 da BNCC (BRASIL, 2018); iv) enfim, o professor, busque se cercar do maior número de fontes credibilizadas, fidedignas, checadas de diversas formas, para que, assim, possa contribuir para o letramento digital crítico dos alunos.

Outra ação estratégica importante nestas duas aulas é que o professor não apenas leve esses dados prontos, mas, conforme o objetivo pretendido e também, como forma de avaliação qualitativa dos alunos, peça que eles, a partir de seus aparelhos de celulares, *tablets* ou computadores, façam pesquisas que possam validar as informações e, principalmente, que sejam capazes de estabelecer relações de causa e consequência, como a mais simples e banal possível: o descaso do governo na demora em comprar as vacinas é o responsável pelo número exorbitante de mortes no Brasil.

Por fim, um último aspecto a ser mencionado na condução desta aula é que essa abordagem seja feita de maneira adequada, como forma de preservação de nossa face, enquanto professores, pois, lembrando as palavras de Bagno (2019): “estamos agora na linha de frente dos ataques, cada uma e cada um de nós tem um alvo pintado nas costas”, ou seja, somos considerados inimigos do governo. Logo, essa é uma questão que deve ser tratada com rigor e ética, com vistas a preservar as nossas próprias vidas e o respeito junto aos alunos (considerando que muitos ainda são resistentes e, lamentavelmente, sofrem influências negacionistas às vacinas, seja na família ou na mídia).

Todo esse preparo com a abordagem do tema é necessário para que possamos cumprir com zelo, dignidade, ética, coragem, humanidade, ousadia, autonomia, solidariedade, consciência, esperança transformadora, rigor, cientificidade, criticidade, estética, exemplo, rejeição a discriminação, respeito a identidade cultural, consciência do inacabado, bom-senso, humildade, tolerância, luta, alegria, necessidade de mudança, curiosidade, competência profissional, comprometimento, intervenção, liberdade, autoridade, saber escutar, querer bem, entre tantas outras lições magistralmente ensinadas por Paulo Freire, especialmente em: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (FREIRE, 2009), bem como na extensa e



profunda obra que compõe os ciclos do pensamento freireano, o qual Lima (2020c) tentou sumarizar, a título de documentação, tributo, valorização e reconhecimento da contribuição de Freire para o campo da educação e da Língua Portuguesa, em especial.

Aulas 05 e 06: O desenvolvimento de atitudes críticas, interventivas e de combate as notícias falsas (*fake news*) e a construção do discurso de ódio contra as vacinas da Covid-19

Habilidades da BNCC: EF09LP01 / EM13LP39 / EM13LP40

As Aulas 05 e 06, pela profundidade do recorte, podem ser destinadas à ‘produção final’, quando os alunos, a partir das vivências com práticas textuais-discursivas diversas, mediadas pelo professor, são capazes de pôr em práticas, por meio de produções orais ou escritas, os conhecimentos e as habilidades desenvolvidas. Nesse sentido, seguindo o propõem as habilidades da BNCC, o objetivo destas aulas (cada uma de 50 minutos) é levar os alunos a desenvolverem ações, atitudes críticas, reflexivas, interventivas e de combate as notícias falsas (*fake news*) e a construção do discurso de ódio em torno das vacinas contra a Covid-19.

Alicerçados por todo o percurso sequencial construído até aqui, o caminho ideal para que possamos assumir um posicionamento interventivo sobre o tema é usar das mesmas armas do inimigo, a fim para combatê-lo; mas, é claro, a partir de visões, posturas, valores e compromissos éticos, humanitários e solidários absolutamente diferentes.

Como poderíamos, então, fazer isso? Inicialmente, pelo diálogo interdisciplinar com outros componentes curriculares, articular ações didático-pedagógicas e interventivas. No período que envolve essas duas aulas, o professor pode:

- a) solicitar aos alunos que produzam aplicativos móveis ou páginas de redes sociais para propagar mensagens de sensibilização, alertando contra os efeitos das *fake news*, do discurso de ódio e do negacionismo, incentivando a tomada de vacinas contra a Covid-19;
- b) incentivar os alunos a criarem páginas de rede social, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp* etc., possibilitando que sejam divulgados os materiais produzidos, criando uma oportunidade de comunicação *online* em espaços virtuais e midiáticos;
- c) orientar os alunos para que, nesses espaços das redes sociais, possam escolher trechos de filmes, novelas, seriados, documentários, vídeos e imagens, sugestões de livros, etc., que ajudem a combater o discurso de ódio, o negacionismo e as *fake news*.
- d) mediar a leitura de textos literários, científicos e jornalísticos, sob diversas formas e abordagens, trazendo-as para o universo da cultura digital, explorando a temática de valorização de tomada de vacinas contra a Covid-19.

Essas, entre tantas outras atividades possíveis, podem ajudar a criar um efeito reverso, posto que passamos a utilizar as mesmas ferramentas – as redes sociais –, para que os alunos criem e



divulguem suas produções de textos, de caráter multimodal. A intenção é que façam de maneira crítica e consciente, com a finalidade de disseminar mensagens e campanhas que repudiem qualquer ato de violência, intolerância, negacionismo e discurso de ódio reproduzido pelas *fake news*. Assim, empunha-se a mesma espada, mas a mão, o peso, a intencionalidade, a ideologia e os interesses são radicalmente outros: entra em cena, o respeito a ciência, as instituições, os pesquisadores, as vacinas e a vida, na luta contra a Covid-19.

Mais uma vez, cabe ao professor, no trabalho de orientação e de mediação didática desse processo, assumir o papel estratégico e comprometido com a formação ética e cidadã. Para tanto, deve orientar os alunos que ao pesquisarem os materiais disponíveis na mídia, assumam o que detalham as habilidades: EF09LP01; EM13LP39; EM13LP40 da BNCC (BRASIL, 2018), colocando-se, sobretudo, como sujeitos protagonistas de seus processos formativos, capazes de rever as próprias crenças e opiniões, e, ao mesmo tempo, contribuírem para o bem-estar da sociedade, visto que, por meio das ações acima elencadas, eles se tornam portadores de uma voz lúcida, comprometida com a verdade e com a formação de opiniões críticas e reflexivas. Assim, a um só tempo, eles adquirem o letramento digital crítico e também contribuem para a aquisição e ampliação do nível desse mesmo tipo de letramento na sociedade, construindo assim, uma rede interconectada de saberes.

Finalmente, pra concluir a sequência de trabalho pedagógico apresentada nas seis (06) aulas, assim como sugerimos nas anteriores, do ponto de vista de observação do alcance do objetivo da aula e de avaliação dos alunos, será a análise das diferentes produções multimodais sugeridas para que os alunos façam, bem como, a percepção de suas ações, em atos como curtir, compartilhar e fazer circular essas ideias em suas redes sociais. Essas, portanto, são maneiras fortuitas de perceber o cumprimento das habilidades pretendidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DAS IMPLICAÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E DAS INTERVENÇÕES NA ESCOLA

A realização de uma atividade dessa natureza, focada no letramento digital crítico do aluno da Educação Básica envolve todo o conjunto de atores que compõem o universo escolar, tal como foi reiteradamente mencionada a importância do trabalho interdisciplinar, por exemplo. Nesse sentido, essas palavras finais, têm por objetivo reforçar as implicações didático-pedagógicas dessas ações de intervenções na escola, respaldando-se no compromisso de refletir, aprender e ressignificar o contexto, a partir do combate ao discurso de ódio e as *fake news* nas redes sociais, a partir do contato com diferentes gêneros textuais.

Grosso modo, ousamos pensar e ‘esperançar’, nos termos de Paulo Freire (2014), pois vamos à luta, com fé e coragem, investindo em propostas como esta, que trouxe reflexões teóricas e



apontou caminhos sugestivos para a prática. Tais orientações, em caráter de urgência, precisam ser aplicadas ao ensino. Enfim, o mínimo que podemos esperar é que:

a) haja uma tomada de consciência pelos sujeitos envolvidos, em torno das consequências destrutivas das *fake news*, do discurso de ódio e do negacionismo a vacina contra a Covid-19 no Brasil.

b) que a produção coletiva de conhecimentos interdisciplinares passe a ser uma tônica na escola, uma vez que o tratamento desses fenômenos de linguagem – as *fake news* e o discurso de ódio – não se circunstanciem aos limites do componente curricular de Língua Portuguesa, pois acreditamos que é o diálogo e o trabalho coletivo que dará possíveis alternativas para problemas tão complexos. E isso acontecerá ainda com maior veemência, se os alunos perceberem uma aplicação em contextos práticos, de modo que eles compreendam que sua aprendizagem é pensada numa perspectiva integrada.

c) que essas ações contribuam para a resolução de problemas sociais dentro e fora da escola, pois, conscientes do problema, os alunos e seus familiares poderão aderir às campanhas de vacinação contra a Covid-19.

d) que nossos alunos, tal como encampa o discurso da BNCC (BRASIL, 2018), por meio do letramento digital crítico assumam um protagonismo juvenil, construam a cidadania e uma consciência coletiva da necessidade do diálogo respeitoso às diferenças e à pluralidade de ideias. Nisso, as redes sociais funcionam como vitrines para que sejam divulgadas mensagens educativas e de conscientização, a exemplo de campanhas de adesão a tomada de vacina contra a Covid-19, pois vacinas salvam vidas. O passado e o presente estão aqui, juntos, dando esse testemunho. É importante aprender as lições do tempo, a fim de que possamos redesenhar o futuro e projetar ações de preservação da vida.

Por fim, nesse caminho de refletir, aprender e ressignificar o contexto atual, a proposta afeiçada neste texto, representa uma tentativa de contribuir para a reconstrução de uma cultura pedagógica em torno do uso das mídias digitais a serviço da aprendizagem nas escolas de Educação Básica. Esperamos que o discurso aqui alardeado seja uma voz colaborativa no combate ao discurso de ódio e as *fake news* nas redes sociais e que, a escola utilize de todas as ferramentas da cultura digital para instaurar outros dispositivos de ações cognitivas e culturais na construção do conhecimento e transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marcelo; PISCHETOLA, Magda. O discurso de ódio nas mídias sociais: a diferença como letramento midiático e informacional na aprendizagem. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 04, p. 1377-1394, out./dez., 2016.



ARAÚJO, Júlio. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola, 2016. p. 49-64.

BAGNO, Marcos. Glorificação da Ignorância [Texto completo do ato político de encerramento do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)]. In: ANGEL, Hildegard. Cada ato desse desgoverno é uma pulsão de morte, é uma perversidade sádica... **Coluna da Hilde**, 08 jul. 2019. Disponível em: <http://www.hildeangel.com.br/cada-ato-desse-desgoverno-e-uma-pulsao-de-morte-e-uma-perversidade-sadica/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

BBC NEWS BRASIL. **O que morte de cantora que contraiu covid de propósito revela sobre pandemia e vacinas**. Matéria de Ben Tobias. Publicada em 19 jan. 2022. Atualizada 20 jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60057926>. Acesso em: 06 fev. 2022.

BOURDIEU, Pierre. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 65-69.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC; CONSED; UNDIME, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (CONASS). **Painel Nacional: COVID-19**. Fonte: Centro de Inteligência Estratégica para a Gestão Estadual do SUS (CIEGES). Dados atualizados em: 14 de março de 2024, às 15h30min. Disponível em: <https://cieges.conass.org.br/paineis/listagem/situacao-de-saude-da-populacao/casos-e-obitos-covid-19>; <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

CHIZZOTTI, Antonio; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Editorial. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1399-1404, out./dez., 2019.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência Suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 35-60.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GLUCKSMANN, André. **O discurso do ódio**. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

LIMA, Francisco Renato. **Fake news e campanhas de vacinação**: a experiência com projetos de intervenção pedagógica na Educação Básica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

LIMA, Helcira. Discursos negacionistas disseminados em rede. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 3, p. 389-408, dez., 2020a.

LIMA, Francisco Renato. A internet e o letramento: relações contextuais na sociedade da ciberultura - pós-modernidade fragmentada, discursos móveis e cambaleantes. **Revista Docência e Ciberultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 264-280, jan./abr., 2020b.

LIMA, Francisco Renato. Um discurso de balbúrdia e insubordinação à proposta de destituição de Paulo Freire como patrono da educação brasileira. In: SILVEIRA, Éderson Luís; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de (Orgs.). **Educação e ciências humanas**: reflexões entre desconfiças, a utilidade do inútil e a potência dos saberes. Vol. I. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020c. p. 44-70.

MEDEIROS, Mildred Ferreira. Os movimentos contra vacinação no Brasil e a lei da vacinação obrigatória: uma análise crítica a partir dos direitos da criança e do adolescente e a partir do risco de surtos epidêmicos de doenças infecciosas anteriormente controladas por cobertura vacinal. **Revista Dissertar**, Rio de Janeiro, n. 32, v. 1, ano XV, p. 93-104, 2019.

METRÓPOLES. **Comediante morre de Covid dias após se arrepender de não tomar vacina**. Matéria de Juliana Barbosa e Gabriel Lima. Publicada em: 28 jan. 2022 às 13h 33min. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/comediante-morre-de-covid-dias-apos-se-arrepender-de-nao-tomar-vacina>. Acesso em: 06 fev. 2022.

PARAÍSO, Marlucy; RANNIERY, Thiago. Confrontos e resistências nas políticas curriculares e educacionais: apresentação do dossiê temático. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1405-1413, out./dez., 2019.

PEREIRA, Cilene. Em favor da vacina. **Revista IstoÉ**. Edição nº 2535, p. 42-47, 20 jul. 2018.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2020.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.